

6. Análise: Lidando com preconceitos e discriminações

No capítulo anterior, analisamos as construções identitárias performativo-discursivas nas histórias do processo de sair do armário de três ativistas LGBT que se identificam como bissexuais. Vimos que nas narrativas das três agentes, a bissexualidade tendia a ser construída como uma performance identitária duradoura, uma construção discursiva que pode ser usada para argumentar contra o preconceito da bissexualidade ser “só uma fase” antes de assumir uma performance identitária heterossexual ou homossexual. Neste capítulo, vamos examinar como as três agentes constroem discursivamente problemas de preconceitos e discriminações e como lidam com tais dificuldades. É importante lembrar que na fala sobre discriminações, as agentes continuam desenvolvendo também suas construções identitárias.

Para situar o/a leitor/a nos temas levantados com mais frequência nas entrevistas desta pesquisa antes de começar a análise, vamos dar um breve panorama dos estereótipos e preconceitos mencionados pelas três agentes. Vamos olhar para frases de fala reportada nas quais as agentes imitam outras pessoas falando de estereótipos sobre pessoas que se identificam como bissexuais. Como observa Kim, quando falantes usam fala reportada, posicionam “os/as personagens nas suas narrativas como representantes de ideologias em conflito, assim fornecendo uma base para avaliação e negociação” (2009: 251). A maneira de imitar os/as falantes que originalmente disseram essas frases (com muitas mudanças de tom, ênfase e velocidade, muitos alongamentos, etc.) mostra o posicionamento crítico das agentes em relação ao discurso bifóbico. A fala preconceituosa que reportam geralmente entra em duas categorias:

(1) o apagamento da bissexualidade: sua não-existência¹ e o/a bissexual como uma pessoa não certa de “ser” heterossexual ou homossexual

“a mulher tem que ser ou lésbica ou <hét<ero>” (Flávia, linha 219)

“ou é oito ou é oite::nta, não existe meio te::rmo” (Nádia, linhas 473-475)

“você não pode ficar com esse cara, tá virando hétero” (Olímpia, linha 227)

“tá em cima do mu::ro” (Flávia, linha 215)

“não sabe o que que é” (Flávia, linha 217)

“quem não sa::be, tá em cima do mu::ro” (Olímpia, linha 188)

“você está em cima do ↑mu::↓ro, você não se decidiu ↑ai::n↓da” (Nádia, linha 476)

¹ Quando falo da “existência” da bissexualidade deve ser entendida como algo que existe nos discursos e nas performances que certas pessoas realizam. Como vimos no Capítulo 2, nenhuma sexualidade é um “fato natural”; as sexualidades são construções sociais, discursivas e performativas.

(2) a super-sexualização das pessoas que se identificam como bissexuais: o/a bissexual como uma pessoa promíscua e desconfiável

“↑safa↓DInha” (Nádia, linha 501)

“são vadi::as” (Flávia, linha 369)

“promí::scuas” (Flávia, linha 371)

“Fazem to::do mu::ndo” (Flávia, linha 373)

“quer ficar com todo mu::ndo” (Flávia, linha 373)

“Quer pegar todo mu:ndo” (Nádia, linha 954)

“você quer putari::a” (Nádia, linha 953)

“é quem gosta de <sacana::gem>. Não tá importando quem é, gosta de <sacana::gem>” (Olímpia, linhas 190 a 191)

“só faz ménage à troi::s” (Nádia, linha 714)

“Tem que ter >homem mulhER homem mulhER homem mulhER< (.) sempre” (Nádia, linhas 716 a 717)

“bissexual tem que ter >uma mulhe:r e um ho:mem para ela ser< felii::z [...] se não, ela vai estar insatisfei:ta” (Nádia, linhas 590 a 591)

“você gosta de pi-ca, não posso confiar em você:” (Nádia, linha 477)

“você vai me largar em qualquer mome::nto, >para ficar com< ca::ra” (Nádia, linha 523)

“bissexua:l, ela gosta de pê::nis, então a mulher (.) vai ser larga::da vai sofrer” (Nádia, linhas 269 a 270)

“Não se pode confiar em bissexua:l, que bissexual deita com ho:mem” (Nádia, linhas 479 a 480)

“Posso ficar com qualquer tipo de doença” (Flávia, linha 308)

“tem mais probabilidade de pegar doe:ça” (Flávia, linha 309)

Udis-Kessler observa que a negação da bissexualidade é comum da parte de pessoas que se identificam como heterossexuais e da parte de pessoas que se identificam como homossexuais e que “A reação das lésbicas e dos gays aos/às bissexuais tende a desviar de ‘Você não existe’ a ‘Vá formar sua própria comunidade; não estão bem-vindos/as na nossa,’ enquanto a reação dos/as heterossexuais tende a desviar de ‘Você não existe’ a ‘Odeio todos vocês veados e sapatões’” (1991: 350). Lannutti observa que, segundo Rust (2000), a bifobia de mulheres que se identificam como ativistas lésbicas “inclui dois tipos de crenças: crenças ‘explicatórias’ que desafiam a existência da bissexualidade, e crenças ‘despolitizantes’ que as mulheres bissexuais são politicamente perigosas para lésbicas porque lhes falta lealdade à comunidade lésbica” (Lannutti 2009: 104). Nesta pesquisa, as três agentes destacam que a reação das pessoas que se identificam como heterossexuais tende a ser ou “Você não existe” ou “Você é promíscuo/a”, e a reação das pessoas que se identificam como homossexuais tende a ser ou “Você não existe” e “Você não se decidiu ainda”, ou “Você é promíscuo/a” e “Não posso confiar em você; você vai me trair”. Por um lado, estes depoimentos são parecidos àqueles mencionados por Udis-Kessler e Lannutti: a negação da existência da bissexualidade. Por outro lado, outros temas são diferentes: a ênfase na promiscuidade em vez de nas preocupações políticas das mulheres que se identificam como lésbicas.

Os preconceitos da primeira categoria mencionada acima, o apagamento da bissexualidade, tendem a invisibilizar, suprimir e sobretudo *deslegitimar* as performances identitárias bissexuais, reforçando o binário heterossexual/homossexual. As ativistas tendem a combater discursivamente esses preconceitos ao reforçar suas construções identitárias, particularmente através das táticas de intersubjetividade de *autorização* e *autenticação*. Os preconceitos da segunda categoria, a super-sexualização das performances identitárias bissexuais, não negam a “existência” da bissexualidade, mas a estigmatizam e supererotizam. Nos depoimentos das agentes, particularmente os de Nádia, os estereótipos da segunda categoria surgem mais vezes.

É interessante observar que as agentes contaram poucas narrativas desenvolvidas sobre experiências de discriminação. Mesmo quando eu tentei solicitar narrativas perguntando-lhes se podiam pensar em momentos de discriminação específicos, era mais comum contar generalizações sobre preconceitos e instâncias de fala reportada discriminatória. Porém, essas generalizações estavam frequentemente vinculadas a temas que surgiram nas histórias de sair do armário analisadas no Capítulo 5. Neste capítulo, vamos nos concentrar sobre as dificuldades no âmbito LGBT que estão diretamente relacionadas às construções identitárias analisadas no capítulo precedente, embora nas entrevistas as agentes tenham mencionado uma variedade de problemas com preconceitos e discriminações. É importante lembrar que a análise que segue está dividida por “tema de preconceito” para facilitar a leitura; porém, muitas vezes esses temas se sobrepõem e se entrelaçam no discurso bifóbico e devem ser vistos sempre como inter-relacionados. Vamos começar com uma análise do problema do apagamento da bissexualidade, seguida por uma análise da super-sexualização das pessoas que se identificam como bissexuais e terminar com uma discussão de sair do armário como bissexual no âmbito LGBT.

6.1 O apagamento da bissexualidade

O apagamento da bissexualidade acontece de três maneiras principais: a negação total da existência da bissexualidade, a insistência em classificar as pessoas ou como heterossexuais ou como homossexuais e a noção de que a bissexualidade é só uma fase. Para Facchini (2009), a insistência em categorizar as pessoas que fazem performances identitárias bissexuais ou como

heterossexuais ou como homossexuais vem do fato de a bissexualidade negar a fronteira que supostamente separa os/as “homossexuais” dos/as “heterossexuais” e colocar em questão “a própria noção de uma identidade homossexual que, para muitas pessoas, representa um modo de dar ordem às suas vidas, cheio de possibilidades de gratificação e muitas vezes ‘assumido’ a duras penas” (Frey e MacRae 1983: 120 apud Facchini 2009: 319). As performances identitárias bissexuais são vistas como ameaças à identidade coletiva homossexual que tem sido e está sendo tão difícil de legitimar na opinião pública; portanto, a bissexualidade é negada. Nas primeiras três subseções, vamos examinar construções discursivas de dificuldades relacionadas aos três mecanismos de apagamento (negação total, insistência unicamente nas classificações heterossexual/homossexual, noção da bissexualidade como uma fase) e como as três agentes lidam com eles. A seguir, na quarta subseção, discutiremos como o fenômeno de apagamento influencia as estratégias de ativismo pro-bissexual propostas por uma das agentes.

6.1.1 A bissexualidade não existe: “você acha que você é”

Posteriormente na entrevista com Olímpia, depois de falar sobre sua história do processo de sair do armário, lhe pergunto o que é “ser” bissexual a seu ver. Ela responde “eu não sei” (linha 133) e volta a falar sobre a primeira vez que beijou uma menina, mencionada anteriormente em uma das narrativas da história de sair do armário (ver seção 5.1.1). Explica a relação entre o primeiro beijo, o fato de se identificar como bissexual e a fala de outras pessoas que deslegitima sua performance identitária bissexual.

0134	Olímpia	/.../ >Eu nunca transei com uma menina<. Mas (.) é assim, eu nunca tive uma relação com uma menina, nunca fiquei >uma semana com uma menina. Eu beijei essa meni::na<. E e depois eu reparei que eu gosto de menina, é o o olho, é uma coisa que me atrai, eu desenho nu feminino. É uma coisa >que tá dentro de mim<. Mas aí eu tou >como um exemplo os meus amigos ficam falando< < “Ah, você::, você acha que você é. > É, você é ()” e não sei o que. Cara (.) um menino, ninguém precisa dizer para ele, se ele é heterossexual. Ninguém precisa dizer para ele que ele é heterossexual e ele não precisa transar com uma mulher para ele saber que ele é heterossexual. Porque o Paulo ² namorou comigo cinco a::nos (.) e, eu acho que >no fundo no fundo< ele sabia que não gostava de menina.
0135		
0136		
0137		
0138		
0139		
0140		
0141		
0142		
0143		
0144		
0145		
0146	Eli	Sim.

² Paulo é um amigo de Olímpia que se identifica como gay; porém, antes de assumir sua identidade homossexual, ele e Olímpia tiveram um “primeiro namoro infantil” durante vários anos.

0147	Olímpia	Então ninguém precisa me dizer, ou que sou lésbica ou que sou bissexual ou que sou heterossexual (.) ou eu não preciso transar com uma menina pra saber disso, sabe? Eu gosto, é uma coisa que me atrai, é uma coisa que eu olho mas... Tem homens que não tem tacto pra chegar em mulheres, e como eu não tenho tacto, sabe? É uma coisa natural.
0148		
0149		
0150		
0151		

Como na narrativa original do beijo, a tática de *autenticação* é utilizada para construir uma identidade acreditável através das experiências de vida (“Eu beijei essa menina. E depois eu reparei que eu gosto de menina”, linhas 136 a 137), e Olímpia repete outro elemento da narrativa abrangente: o de desenhar o nu feminino (linhas 62 a 68 e linha 138). A seguir, Olímpia reporta a fala de alguns/umas amigos/as, na qual é *deslegitimada* sua performance identitária bissexual através de frases como ““Ah, você, você acha que você é.”” (linhas 139 a 140). No depoimento de Olímpia é empregada a tática de *adequação* para resistir às críticas de algumas pessoas que não aceitam sua identificação como bissexual por causa do fato de ela ainda não ter tido relações sexuais com mulheres. Através dessa tática, são acrescentadas as semelhanças entre ela saber que é bissexual sem ter tido relações sexuais com mulheres (“eu não preciso transar com uma menina pra saber”, linhas 148 a 149), e pessoas heterossexuais saberem que são heterossexuais (e serem aceitas como heterossexuais) sem terem tido relações sexuais heterossexuais (“um menino, ninguém precisa dizer para ele, se ele é heterossexual [...] ele não precisa transar com uma mulher para ele saber que ele é heterossexual”, linhas 140-143). Através do uso dessa tática, Olímpia mostra a hipocrisia das pessoas que se identificam como heterossexuais serem aceitas automaticamente como tal, mas as pessoas que se identificam como bissexuais terem que citar experiências sexuais com homens e mulheres para justificar suas performances identitárias bissexuais.

Porém, apesar de criticar a hipocrisia desse padrão duplo, Olímpia também o aproveita na sua própria construção identitária: ao início da entrevista na narrativa original do beijo (ver seção 5.1.1) e mais tarde na parte da entrevista que acabamos de ver, ela cita experiências concretas de beijar homens e mulheres para criar uma identidade acreditável. Isso mostra a dificuldade das pessoas que fazem performances identitárias não-heteronormativas de se expressarem e construírem suas identidades através da linguagem heteronormativa, dentro da matriz heteronormativa. Ao comentar as ideias de Monique Wittig, Judith Butler nota,

O discurso torna-se opressivo quando exige que, para falar, o sujeito falante participe dos próprios termos dessa opressão – isto é, aceite sem questionar a impossibilidade ou ininteligibilidade do sujeito falante. Essa heterossexualidade presumida, sustenta ela, age no interior do discurso para transmitir uma ameaça: “você-será-*hetero*-ou-não-será-nada.” Mulheres, lésbicas e gays [e bissexuais] não podem assumir a posição de sujeito falante no interior do sistema lingüístico da heterossexualidade compulsória. Falar nesse sistema é ser privado da possibilidade de fala; assim, simplesmente falar nesse contexto é uma contradição *performativa*, a afirmação lingüística de um eu que não pode “existir” no interior da linguagem que o afirma. ([1990] 2003: 168)

Apesar de identificar a hipocrisia do padrão duplo, Olímpia deve empregar esse tipo de discurso para se construir de modo inteligível para as outras pessoas dentro da matriz heteronormativa. Porém, ao criticar o padrão duplo, Olímpia toma um papel agentivo, reduzindo o poder da linguagem heteronormativa para poder construir sua performance identitária bissexual com outro tipo de discurso não-padrão. Isso é um exemplo da capacidade que temos, como nota Moita Lopes, para atuar como agentes “através de contra-discursos, e reverter os processos discursivos que constroem nossas identidades sociais em uma direção ou outra, e construí-las, portanto, em outras bases” (2001: 59).

6.1.2 Ou hétero ou homo: “para ela eu me tinha tornado lésbica”

Na sua história do processo de sair do armário, Nádia menciona um período no qual ela e sua parceira, Alicia, tiveram um rompimento sério no namoro e Nádia se relacionou com um homem durante os meses de separação. Avalia a experiência com o homem como uma afirmação da sua performance identitária bissexual (ver seção 5.2.7). Porém, a seguir explica as dificuldades que provocou na sua relação com Alicia, em particular:

0240	Nádia	O fato de ter ficado com um ca::ra...
0241		pra (.) minha parceira foi <u>mu</u> ito mais complicado de que
0242		>se eu tivesse ficado com uma mulher<.
		((linhas omitidas))
0246	Nádia	Porque ela achou que era um <u>reto::r</u> no <u>meu</u> à heterossexualida::de,

Essa ideia é refletida também no depoimento de Flávia. Ao falar de como sua esposa interpretava a sua performance de sexualidade, ela explica:

0293	Flávia	é que:, ao come:ço era (.) o fato de eu ser casa:da,
0294		>se falasse que era bissexua::l< (.) ah::: ela <u>in</u> ↑ <u>far</u> ↓ <u>ta</u> :va!
		((linhas omitidas))
0298	Flávia	Sabe? Pra mim- pra e::la, eu tinha (.) eh::: me tornado lé:sbica.
0299		Porque me apaixonei por e::la. E::: daí::
0300		>eu me tornei lé:sbica e não olho mais para homem nenhum<.

As ideias de um “retorno à heterossexualidade” ou de “tornar-se” lésbica estão vinculadas à noção da não-existência da bissexualidade – que as pessoas ou

são heterossexuais ou são homossexuais. Udis-Kessler considera esse fenômeno “essencialismo gay e lésbico”, observando:

Muitas lésbicas e homens gays se assumiram depois de terem atuado como heterossexuais, e algumas dessas pessoas tinham gostado da sua heterossexualidade; simplesmente gostaram mais da sua homossexualidade. Os/as essencialistas lésbicas e gays simplesmente trocaram a heterossexualidade presumida de tempos anteriores e alegaram que essas pessoas eram essencialmente gays, independentemente do seu comportamento sexual. Desta maneira, uma mulher que saiu do armário aos quarenta anos na verdade tinha sempre sido lésbica, mas não estava em contato com sua verdadeira sexualidade. (Udis-Kessler 1991: 352)

Similarmente, Mengel observa que “É necessário em efeito estar na sua própria casa ou na casa do outro, jamais em outro lugar – porque um tal lugar supostamente não existe” (2009: 55). As pessoas que fazem performances identitárias bissexuais são invisibilizadas porque são vistas como homossexuais quando em uma relação com um/a parceiro/a do “mesmo” sexo/gênero e como heterossexuais quando em uma relação com um/a parceiro/a do sexo/gênero “oposto”, parecendo bascular entre os dois eixos sem ocupar um espaço entre ou além deles. Desta maneira, opera um processo de *adequação* invisibilizador – as semelhanças entre as pessoas que se identificam como bissexuais e as que se identificam como heterossexuais ou homossexuais são acrescentadas, dependendo do sexo/gênero do/a parceiro/a da pessoa que se identifica como bissexual, e as diferenças são ignoradas, causando a invisibilização e o apagamento da bissexualidade.

Mais tarde durante a entrevista, Flávia se defende contra este tipo de pensamento binário. Neste trecho, ela fala de começar a dizer para as pessoas do Grupo Arco-Íris que se identifica como bissexual.

0406	Flávia	Vou- eh. Tou começando. Hoje falei isso hoje mes-
0407	Eli	Sim
0408	Flávia	((reportando a sua própria fala)) “Ai gente me tornei bissexual...
0409		Que ago::ra, tou pensa::ndo, assim, eu me si::nto”, sabe?
0410		Aí todo mundo riu.=“Como <u>assim</u> gente?!” ↓°Sabe°?
0411		“Aí gente já tive relação com homem já tive relação com mulher.” Sabe?
0412		“Gosto de relação com homem e com mulher, numa boa.
0413		N- não saí- não deixei de sair com homem para sair com mulher
0414		e perdi o contato de sair com eles.”

Por um lado, dizendo “me tornei bissexual” (linha 408), Flávia evita o essencialismo de sugerir ter “finalmente encontrado sua verdadeira identidade” e mostra a fluidez da sexualidade. Por outro lado, nega a sobreposição e coincidência das identificações como lésbica e bissexual. Baker observa que as categorias identitárias não estão fechadas, mas “existem em modos mais

complexos, frequentemente com a possibilidade de graus variáveis de pertencimento que estão sujeitos a mudanças com o decorrer do tempo” (2008: 145). Como explicou na sua história de sair do armário (ver seção 5.3), em certas maneiras Flávia se identificava como bissexual sem assumir publicamente o rótulo, enquanto também se identificava, em outras maneiras, como lésbica e assumia publicamente esse rótulo; essa sobreposição das performances identitárias pode continuar ainda no presente.

Na narrativa mínima que se encontra entre as linhas 406 e 414, Flávia explica que a reação das outras pessoas do Arco-Íris que estavam presentes quando se rotulou como bissexual pela primeira vez na frente delas era de rir. A resposta “Como assim gente?!” (linha 410), dita com um tom de indignação, mostra que ela interpretou isso como uma discriminação. A seguir, Flávia defende sua performance identitária dizendo que já teve relações com homens e mulheres (linha 411), que gosta de homens e mulheres (linha 412), e que sair com um/a não significa deixar de gostar do/a outro/a, um uso das táticas de *autorização* e *autenticação* no enfrentamento da percebida discriminação. Na escolha do tema usado para se defender – insistindo na existência da bissexualidade e na possibilidade de gostar de homens e mulheres – vemos que Flávia provavelmente interpretou a risada dos/as colegas como um modo de expressar os preconceitos de que a bissexualidade não existe ou que ela deve ser ou lésbica ou heterossexual.

6.1.3 A bissexualidade é só uma fase: “tá em cima do muro”

Posteriormente na entrevista, Olímpia fala diretamente do problema da sua identidade não ser levada a sério por outras pessoas, em parte porque a consideram como uma fase temporária.

0184 0185	Eli	Você acha que as pessoa::s, não sei, do Arco-Íris por exemplo, que aça- aceitam a sua identidade de mulher bissexual? Você sente bem aceita?
0186 0187 0188 0189 0190 0191 0192 0193 0194 0195 0196	Olímpia	Tem muitas pesso::as que não aceitam a bissexualidade. Tem muitas >pessoas que não aceitam a bissexualidade<, que acham que é aquele negócio () que, quem não sa::be, tá em cima do mu::ro, ou, >não do Arco- Íris mas muitas pessoas< (.) heterossexuais, muitas pessoas (.) fora do movimento, falam que bissexual “é quem gosta de <sacana::gem>. Não tá importando quem é, gosta de <sacana::gem>”. No Arco-Íris muitas pessoas não aceitam a (.) bissexualidade, °entendeu°? Muitas pessoas, “Ah, que, para as lé::sbicas, para as lé::sbicas, os transexuai::s (.) blablablablaba” e esque::cem, sabe, do bissexual. Como se o bissexual não fosse uma condição estável, eu sou bissexual. Não é eu estou. Ninguém está lésbica. Pode-

0197	Eli	Hhh
0198 0199 0200	Olímpia	Os bissexuais podem até estar lé::sbicas ou estarem heterossexuais, mas não é, não é costumeiro você estar heterossexual, estar, “Ah, hoje eu estou transexua:l”.
0201	Eli	Hhh
0202 0203	Olímpia	“Vou encaixar o meu pênis aqui rapidinho e vou estar”. Não é estar. Eu sou bissexual. Eu sou assim e pronto, °não tenho que explicar°. (3.0)

Como no trecho da subseção 6.1.1, Olímpia menciona frases usadas por outras pessoas nas quais as performances identitárias bissexuais são *deslegitimadas* (o/a bissexual é “quem não sa::be, tá encima do mu::ro” (linha 188) ou só “gosta de <sacana::gem>” (linhas 191 e 192)). Para legitimar as identidades que não se enquadram no binário heterossexual/homossexual, Olímpia insiste que a bissexualidade é “uma condição estável” (linha 195), um uso da tática de *autorização*. Essa tática também é empregada para deslegitimar o argumento “dos outros” de uma pessoa poder “estar” bissexual através de mostrar a falha na lógica deles/as: se para eles/as é impossível “estar” homossexual ou transexual, também será impossível “estar” bissexual. Esse argumento foi reforçado na sua história de sair do armário (ver seção 5.1) com as explicações de ter desenhado o corpo feminino desde criança e de ter sentido atração por meninos e meninas também desde muito jovem – “provas” de uma bissexualidade duradoura. Deste modo, Olímpia consegue autorizar a sua identidade de bissexual e evitar o extremismo da categorização binária ou como heterossexual ou como homossexual. Para combater o preconceito da bissexualidade como uma fase ou um período de incerteza, Olímpia deve provar que a sua performance identitária é duradoura. Porém, paradoxalmente, isso reforça o discurso essencialista e normativo que nega a fluidez da(s) sexualidade(s).

Entretanto, um pouco antes do início deste extrato, Olímpia tinha conseguido realizar um deslocamento de normas ao criticar as pessoas que querem encaixá-la em um extremo ou outro do binário heterossexual/homossexual:

0136 0137	Olímpia	/.../ É, tipo >a a essa coisa da sexualidade eu acho que não::<, não tem como (.) <definir, sabe?> /.../
--------------	---------	--

Ao proclamar que a sexualidade “não tem como definir”, Olímpia resiste identidades impostas (ver De Fina et. al. 2006) e evita a construção de sexualidades duradouras, assim abrindo espaço para uma construção identitária

discursiva de uma sexualidade mais fluida. Este depoimento pode ser discutido no Grupo Arco-Íris para reconhecer a natureza construída e limitante das “definições” usadas para fins de ação política, como parte da estratégia de “essencialismo estratégico” (Spivak [1985] 1996) vinculado a processos de desconstrução.

6.1.4 Lidando com o apagamento da bissexualidade através do ativismo

O preconceito da bissexualidade “ser só uma fase” antes de escolher a “verdadeira identidade” homossexual ou heterossexual influencia as ideias de Nádia sobre como fazer ativismo pro-bissexual. Neste trecho, falamos da possibilidade de formar um subgrupo de pessoas que se identificam como bissexuais dentro do Grupo Arco-Íris e Nádia se posiciona contra dessa ideia:

0793	Nádia	É. Porque... as pessoas ↑passam realmente por uma fase de transição.
0794		Qua::ndo eh:: se descobrem lé::sbicas, >quando se descobrem< ga::ys. (1.0)
0795		Muito por pressão <religio::sa, familia::r, socia::l>,
0796		youê fica ali aci::ma, você não sabe >se vai ou se não vai<
0797	Eli	Sim
0798	Nádia	Entendeu? E aí assim, mesmo que agora aqui a gente montasse uma
0799		coletiva de cinquenta pessoas se declarando bissexuais, qua::ntas
0800		vão continua:r se sentindo bissexuais daqui a dois a::nos por exemplo.
0801	Eli	Sim
0802	Nádia	Sa:be. Que alguém vai falar “Não, sou gay me::smo,
0803		agora >me assumi< che::ga, não pego mais mulher.”
0804		Ou a mulher “Não, eu sou lé::sbica, chega, não quero mais ser oprimi:da”,
0805		nê?, “Então vou para lá”. Entendeu? Então assim.
0806	Eli	>Mas isso< também pode ser bom porque... tipo::
0807		reconhecendo que a sexualidade é é é fluida... tipo,
0808		“Bom, você (.) não se identifica mais assim? Tudo bem.”
0809	Nádia	É, tudo bem.
0810	Eli	Seria necessário, tipo:: con- não sei,
0811		concentrar sobre isso e e falar [(-)]
0812	Nádia	[Não mas] aí sabe >o que que-< qual é
0813		o meu receio em relação a i::sso? Aí as pessoas que sai::sem desse grupo,
0814		dizendo “Não eu sou lé::sbica.=Não eu sou gay”,
0815		dizer >“É é a bissexualidade< é uma furada”.
0816	Eli	Mm
0817	Nádia	“Eu não era bissexual.
0818		<Era lé::sbica me esconde::ndo atrás da bissexualida::de>” ou
0819		“<Era hé::tero> me esconde::ndo <atrás da bissexualida::de>”. Entendeu?
0820		Então (.) tem uns <confli::tos> aí para a gente pensar.

Nesse trecho, Nádia reconhece que às vezes a performance identitária bissexual pode ser uma fase de transição entre a identificação como heterossexual e como homossexual. Retoma a metáfora de “ficar acima do muro” dizendo “você fica ali aci::ma, você não sabe >se vai ou se não vai< se assumir como

homossexual” (linha 796) por causa de pressões heteronormativas (“pressão <religio::sa, familia::r, socia::l>”, linha 795) de manter algum “vestígio” da heterossexualidade (conceitualizando novamente a bissexualidade como a interseção da heterossexualidade e da homossexualidade). Nádía menciona a possibilidade de muitas pessoas entrarem em um eventual grupo bissexual e saírem pouco depois, decidindo se assumir como gays ou lésbicas (linhas 798 a 805). Quando eu lhe interpelo dizendo que pode ser positivo usar tal fenômeno para reconhecer a fluidez da sexualidade (linhas 806 a 808), Nádía articula mais explicitamente seus receios em relação ao reconhecimento dessa fluidez: teme que as pessoas que transitam pelo subgrupo depois falem negativamente sobre as performances identitárias bissexuais (“Aí as pessoas que saí::sem desse grupo, dizendo “Não eu sou lésbica.=Não eu sou gay”, dizer >“É é a bissexualidade< é uma furada”, linhas 812 a 815) e reforcem a ideia que a bissexualidade não exista (““Eu não era bissexual. <Era lé::sbica me esconde::ndo atrás da bissexualida::de>” ou “<Era hé::tero> me esconde::ndo <atrás da bissexualida::de>””, linhas 817 a 819). Ou seja, Nádía teme que a não-permanência no grupo reforce mais ainda a *deslegitimação* da bissexualidade como “só uma fase”. Seu depoimento levanta uma questão interessante: a possibilidade que a insistência na desconstrução da sexualidade como uma identidade fixa *no contexto de discutir a bissexualidade* tenha o efeito não desejado de ligar a noção da fluidez só à bissexualidade e não às sexualidades em geral. Para evitar este problema, uma possível solução será usar a fluidez e não a bissexualidade como o ponto de partida para a discussão do tema e a partir daí desconstruir os mitos de fixidez relacionados aos rótulos identitários “heterossexual”, “homossexual”, “bissexual”, etc.

6.2 A super-sexualização das pessoas que se identificam como bissexuais

Os estereótipos sobre a suposta necessidade de relações poliamorosas (relações sexuais e/ou afetivas com vários/as parceiros/as, separadamente ou em grupo), a promiscuidade e a infidelidade das pessoas que se identificam como bissexuais criam a super-sexualização discursiva desses indivíduos. Em relação às mulheres que se identificam como bissexuais, Facchini observa que as

acusações dirigidas contra elas da parte de mulheres que se identificam como lésbicas

são justificadas a partir de raciocínios em que *o homem* é visto como *promíscuo* e *sujo*. Desse modo, a mulher que mantém relações sexuais com homens – como se contaminada pela desqualificação moral que a eles se aplica – é apontada como fonte de riscos emocionais e de saúde e situada a partir de categorias como *curiosa*, *não confiável* e *aventureira*. (2009: 319, grifos no texto fonte)

A super-sexualização discursiva tem o efeito secundário de criar uma visão das pessoas que se identificam como bissexuais como indivíduos não-confiáveis e portadores de doenças. Nesta seção, vamos examinar como a imbricação desses discursos preconceituosos afeta as agentes, olhando para suas construções discursivas de dificuldades a eles relacionados e para como lidam com esses problemas. Primeiro, analisaremos a ideia de que as pessoas que se identificam como bissexuais precisam se relacionar com “ambos os sexos” para estarem sexualmente satisfeitas. A seguir, veremos falas sobre a suposta necessidade do falo experimentada por mulheres que se identificam como bissexuais. Por último, examinaremos as consequências de assumir-se como bissexual no movimento LGBT e como as ativistas lidam com elas.

6.2.1 Poliamor, promiscuidade, infidelidade: “bissexual tem que ter mulher e homem”

Quando a existência da bissexualidade é reconhecida como uma performance identitária “legítima”, frequentemente este reconhecimento é acompanhado, infelizmente, pelo medo que as pessoas que se identificam como bissexuais necessitem sempre um homem e uma mulher. Isso liga as performances identitárias bissexuais a noções de infidelidade (baseadas particularmente em discursos normativos sobre a monogamia) e desconfiabilidade. Nádia, por exemplo, observa que quando ela e Alícia voltaram a namorar depois de um período de separação no qual Nádia teve relações sexuais com um homem (ver seções 5.2.7 e 6.1.2), Alícia expressava medos como ““Ah você vai me largar em qualquer momento, >para ficar com< ca::ra”” (fala reportada, linha 253). Tais depoimentos reforçam a ideia de que as pessoas que se identificam como bissexuais precisam ter relações com homens e mulheres para serem felizes e sexualmente satisfeitas, um ponto que Nádia levanta várias vezes durante a entrevista:

0258	Nádia	/.../ O bissexual ele não precisa dos DOIS
0259		para estar satisfeito, não é isso, sabe?
0260		Aquela coisa que é assim, >se estivesse solteira< eu <u>tanto</u> vou (.) eh eh
0261		me sentir disposta a ficar com um cara quanto uma <u>mulher</u> ! Entendeu?
0262		E vai depender do que acontece:, né?
0263	Eli	A pessoa me::[sma]
0264	Nádia	[Exata]me::nte do do do meu intere::sse né?
0265		Da minha tesão pra (.) >o que que vai acontecer mesmo<
0266		não não tem previsão assim. Com isso mas (.)
0267		definitivamente me vejo bissexual. E aí: (.) aquela né? /.../
0269		“ah bissexual:, ela gosta de pê::nis”, então “a mulher (.) vai ser larga::da
0270		vai <u>sofrer</u> ” /.../

0586	Nádia	/.../ ah bissexual:,
0587		>não quer dizer que tenho que ter uma <u>mulher</u> e um <u>ho:mem</u> comigo <u>não</u> <,
0588		sa::be! Eu >consigo viver< só com UM:: só com OU::tro! Sabe?
0589	Eli	Sim
0590	Nádia	“Ah bissexual tem que ter >uma <u>mulhe:r</u> e um <u>ho:mem</u> para ela ser<
0591		feli::z”, né? “se não, ela vai estar insatisfei:ta” <E não é <u>assim</u> , sabe>.

Nádia enfrenta diretamente o preconceito das pessoas que fazem performances identitárias bissexuais precisarem ter relações com homens e mulheres para ficarem contentes e sexualmente satisfeitas, dizendo “O bissexual ele não precisa dos DOIS” (linha 258), “>não quer dizer que tenho que ter uma mulher e um ho:mem comigo não<” (linha 587), e “Eu >consigo viver< só com UM:: só com OU::tro!” (linha 588). Os alongamentos e as mudanças de velocidade e volume na sua fala enfatizam seu desacordo e sua indignação com tais preconceitos. É construída e *autorizada* sua performance identitária de mulher bissexual não infiel através da insistência em não precisar de “ambos os sexos” para estar feliz e satisfeita sexualmente; porém, essa construção também reforça o binário homem/mulher. Adicionalmente, fazendo uma generalização sobre as pessoas que se identificam como bissexuais usando o masculino genérico na frase “*O bissexual* ele não precisa dos dois” em vez de falar especificamente da sua própria experiência através do uso da primeira pessoa singular como nas outras frases “não que dizer que *tenho* que ter...” e “*Eu consigo* viver...”, Nádia homogeneiza as performances identitárias bissexuais. Desta maneira, são negadas outras possibilidades da diversidade (bi)sexual – é possível que haja pessoas que não se sintam felizes e sexualmente satisfeitas com “só um dos sexos” – e tais performances são *deslegitimadas*. Porém, através do seu depoimento, Nádia consegue defender as performances identitárias bissexuais contra o preconceito da infidelidade inevitável. Adicionalmente, talvez essa estratégia de Nádia pode ser vista como “essencialismo estratégico” (Spivak

[1985] 1996): neste momento, ela frisa a monogamia para defender as performances identitárias bissexuais contra os estereótipos e preconceitos; entretanto, em outra conversa informal, me disse que ela e sua parceira têm uma espécie de relação aberta (não conheço, porém, os detalhes e os eventuais limites desse acordo entre elas).

Por outro lado, na entrevista com Flávia é empregada uma estratégia diferente para combater os estereótipos da infidelidade, da promiscuidade e da necessidade de “pegar todo mundo”: se constrói como uma mulher bissexual *seletiva* em relação a suas escolhas de parceiros/as. O seguinte trecho vem diretamente depois da narrativa mínima analisada na seção 6.1.2, na qual Flávia lida com uma percebida discriminação estabelecendo a possibilidade de uma mulher que se identifica como bissexual ter uma relação com uma mulher sem parar de gostar de homem (retomo as últimas linhas da narrativa, 412 a 414, para contextualizar).

0412	Flávia	“Gosto de relação com homem e com mulher, numa boa.
0413		N- não saí- não deixei de sair com homem para sair com mulher
0414		e perdi o contato de sair com eles.”
0415	Eli	Mm
0416	Flávia	Mas é claro que seleciono (.) não é qualquer um.
0417	Eli	Claro
0418	Flávia	Sabe? Tanto as mulheres. Não tou com qualquer uma. Sabe? Eu seleciono
0419		<mui::to::> tipo... <mui::to::>. Sou muito seletiva sou muito estranha.

Imediatamente depois de se defender contra o preconceito da inexistência da bissexualidade, Flávia antecipa outro preconceito: o estereótipo das pessoas que se identificam como bissexuais serem promíscuas e quererem “pegar todo mundo”. Defende-se contra este estereótipo deixando claro que é seletiva: que não tem relações com “qualquer um” (linha 416) ou “qualquer uma” (linha 418), frisando que é igualmente seletiva com “ambos os sexos”. Depois, insiste na seletividade dizendo “seleciono <mui::to::> tipo... <mui::to::>” (linhas 418 a 419), enfatizando a palavra “muito” através do alongamento, da diminuição da velocidade da fala, do aumento de volume e da repetição da palavra; assim, é *autorizada* mais ainda a performance identitária de bissexual que não tem relações sexuais indiscriminadamente com qualquer pessoa. Através dessa insistência em ser muito seletiva, Flávia combate o estereótipo das pessoas que se identificam como bissexuais serem pessoas promíscuas que querem “pegar todo mundo”. Interessantemente, durante a entrevista insiste no fato de ser seletiva, mas não insiste na monogamia (menciona, por exemplo, ter proposto uma relação

aberta a sua ex-esposa, linhas 763 a 769), mostrando que o poliamor não significa necessariamente a promiscuidade.

Finalmente, Nádia, no final da sua entrevista, menciona um exemplo de uma piada que ouviu várias vezes em conversas entre mulheres que se identificam como lésbicas que liga diretamente a ideia da pessoa que se identifica como bissexual “precisar” de homens e mulheres à ideia da infidelidade inevitável.

0935	Nádia	“Ah ô!” É aquela piadinha que eu falei ontem. Tipo assim, rola uma piada entre as lésbicas que é: “Ah:: não se mete com bissexual <u>não</u> . Bissexual... cê tem cem por cento de chance de sê- sê- ser <u>traída!</u> ” Sabe? E você fica ouvi::ndo essas coisas e “EI! Como <u>assim?</u> Então, (.) qu- a SUA <sexualida:de>, >não define seu caráter<, mas a MINHA >define o <u>meu</u> <”, né?
0936		
0937		
0938		
0939		
0940		
0941	Eli	Mm
0942	Nádia	Então assim então “você é <u>lé:sbica</u> , mas pô você não é <u>pedó:fila</u> por causa <u>di::sso</u> ”, sa:be? “Você:: (.) não é <u>tara::da!</u> Você é <u>lé:sbica</u> você quer <u>respei::to</u> , eu <u>também</u> ”, sabe. Não <u>sou ninfomaNÍ::aca</u> , eu sou <u>BIssexua:l</u> , hh sabe. Não vou >estar sempre traíndo as< pesso::as, >não é que tou com mulher vou traír com homem tou com homem vou traír com mulher<. Esses jo:gui:nhos são muito <u>imaginá:rios</u> , as pessoas assim que acontecem, porque não é assim na prática. /.../
0943		
0944		
0945		
0946		
0947		
0948		
0949		

Como nos trechos que vimos ao início desta subseção, Nádia enfatiza seu desacordo e sua indignação com os preconceitos através dos alongamentos e as mudanças de velocidade e volume na sua fala e constrói sua performance identitária de mulher bissexual fiel através da insistência em não precisar de um homem quando está em uma relação com uma mulher e vice versa (linhas 946 a 947). O que é diferente nesse depoimento é a argumentação direta contra o preconceito: usando a tática de *adequação*, Nádia mostra que se as mulheres que se identificam como lésbicas acham que sua (performance identitária de) sexualidade não define seu caráter, a mesma lógica deve se sustentar para as pessoas que fazem performances identitárias bissexuais (linhas 939 a 943). Adicionalmente, também com a tática de *adequação*, ela frisa que as pessoas que se identificam como lésbicas e as pessoas que se identificam como bissexuais compartilham o anseio da mesma coisa: o respeito. Através desses empregos da tática de *adequação*, Nádia acrescenta umas semelhanças entre os/as ativistas que poderiam ser usadas como uma base para militar juntos/as: o respeito e o direito de não ser definido/a pela sua (performance identitária de) sexualidade.

6.2.2 Mulher bissexual precisa do falo: “necessidade de falo, necessidade de homem”

Como vimos na subseção anterior, o preconceito sobre a pressuposta necessidade das pessoas que se identificam como bissexuais de terem relações com homens e mulheres pode levar a discriminações baseadas no medo da infidelidade. Nádia também vincula esse preconceito à outra discriminação nas práticas sexuais (entre mulheres que se identificam como lésbicas e mulheres que se identificam como bissexuais): o fato de evitar certas práticas que são ideologicamente associadas ao homem e/ou à heterossexualidade. No próximo trecho, Nádia explica que temia propor à sua parceira, Alicia, de experimentar com o uso do dildo nas relações sexuais por medo de que ela interpretasse o desejo de fazer tal prática como uma necessidade de ter relações sexuais com homens.

0592	Nádia	Até <assim>... eu nunca experimentei <u>dildo</u> . Né?
0593		Pênis tal “prótese artificial”. <E eu tinha vontade>. De experimentar.
0594		<u>E</u> eu <não falava isso> >para minha parceira< porque eu tinha medo que
0595		ela interpretasse aquilo <CO:::mo uma necessiDA:::de FÍ:::si:ca>,
0596		entendeu, <do FA:::lo:>. Que não [e:ra, sabe.]
0597	Eli	[E. Me] passa a mesma coisa.
0598		[A me:sma coisa.]
0599	Nádia	[Hoje em di:a,] a gente já conseguiu desconstruir esse <u>tabu</u> . Sa:be?
0600		Eu falo, ela, >às vezes ela até pergunta<
0601		“Mas (.) para que que você quer i::sso? <Poxa!> Não- não é legal?”
0602		>E eu< “Cla::ro que é legal e você é super legal
0603		então imagina que <u>tesão::!</u> ” Sa:be
0604	Eli	Sim
0605	Nádia	“Que não vai <u>se::r</u> , super difere::nte, super outra coisa.” Sabe?
0606		“Vamo tentar!” Eu demorei (.) tipo <u>mu::ito te:m</u> po para assumi:r para e:la.
0607	Eli	Sim
0608	Nádia	Que que eu gostaria de de testar, sabe,
0609	Eli	Sim
0610	Nádia	De utilizar. A gente nunca fez ainda. Ma:s já está na nossa pauta assim,
0611		ela já entende que não é uma necessida::de de <u>fa::lo</u> ,
0612		não é uma necessida::de de <u>ho::mem</u> .
0613		>Até porque se eu quiser um homem< cara, eu pego um <u>ho:mem!</u>
0614		[Entendeu?]
0615	Eli	[hh]
0616	Nádia	Não pego só uma <u>PARte</u> do <u>ho:mem!</u>
		((linhas omitidas))
0622	Nádia	() o tabu acho isso uma besteira. Sabe?
0623		Mas era um tabu na minha relação. Eu chegar e abrir para ela que tinha-

Nádia temia que uma proposta de experimentação com o dildo fosse interpretada pela sua parceira “<CO:::mo uma necessiDA:::de FÍ:::si:ca> [...] <do FA:::lo:>”. Como nos trechos anteriores, Nádia enfatiza seu desacordo com os preconceitos através dos alongamentos e as mudanças de velocidade e volume nas suas elocuições. Explica que, de fato, quando finalmente propôs experimentar

com o dildo, ao início a parceira não gostava da ideia e pensava que Nádia não estava satisfeita sexualmente (““Mas (.) para que que você quer isso? <Poxa!> Não- não é legal?””, fala reportada, linha 601) e que durante muito tempo o uso do falo foi um “tabu” na relação (linhas 599 e 623). Mais tarde durante a entrevista, Nádia explica que quando um casal de amigas que se identificam como lésbicas falaram que gostavam de usar dildos, sua parceira finalmente aceitou que o desejo de experimentar com o dildo não era uma manifestação do desejo por um homem (linhas 624 a 664, ver anexos). O uso do falo prostético da parte das duas meninas que se identificam como lésbicas (e então teoricamente não gostam de homens) *deslegitima* a interpretação do desejo de usar um falo prostético como um desejo por um homem. No trecho examinado acima, o argumento do desejo de usar um falo prostético ser equivalente ao desejo por um homem também é *deslegitimado* através das elocuições “>Até porque se eu quiser um homem< cara, eu pego um ho:mem! [...] Não pego só uma PARte do ho:mem!” (linhas 613 e 616). Ao dizer que não pega “só uma parte do homem”, a associação ideológica do falo (prostético) ao homem é parcialmente reforçada; porém Nádia também separa o desejo de penetração com um dildo nas práticas sexuais com uma mulher do desejo de penetração com um pênis nas práticas sexuais com um homem. Desta maneira, como vimos no capítulo anterior (seção 5.4), podemos repensar o uso do dildo como uma preferência por certas práticas sexuais além do sexo/gênero do/a parceiro/a (Bornstein [1994] 1995) e um ato contrassexual que subverte e parodia os binários de homem/mulher e heterossexual/homossexual (Preciado [2000] 2011).

É interessante notar também que as duas reações diferentes ao uso do dildo de Alícia (a parceira de Nádia) e Flávia (ver seção 5.3) estão fundamentadas na associação ideológica do desejo de usar um falo (prostético) ao desejo por homem e na ideia que mulher + homem/falo = heterossexualidade. Flávia se preocupava que o uso do dildo a fizesse “ser menos lésbica” (ou seja, “mais heterossexual”), e Alícia se preocupava que o uso do dildo fosse uma manifestação de desejo por um homem (ou seja, “desejo heterossexual”) da parte da sua parceira. A discussão dessas preocupações serve para desconstruir e combater a associação homem-falo, a estigmatização de certas práticas sexuais, o preconceito de que as mulheres que se identificam como bissexuais necessitam de

homens para estarem satisfeitas sexualmente e a ideia da bissexualidade como uma combinação de heterossexualidade e homossexualidade.

6.2.3 Transexual é ideal para bissexual: “teria um peitinho e teria um pênis”

Essa ideia de a pessoa que se identifica como bissexual precisar ter relações com homens e mulheres para estar sexualmente satisfeita também surgiu em outro contexto: a transexualidade. Na sua entrevista, Flávia comenta que “não teria problema nenhum” em se relacionar com uma pessoa que se identifica como transexual (ver linha 355), se posicionando como uma pessoa de mentalidade aberta. Depois, menciona uma discussão durante um Café com Bolacha na qual várias mulheres que se identificam como lésbicas expressaram receios ou até nojo de ter relações sexuais com uma mulher transexual e/ou disseram que não consideravam uma mulher transexual como uma “verdadeira mulher”. Quando uma menina que se identifica como bissexual disse que ela não teria problema nenhum em ter relações com uma mulher transexual, outra menina que se identifica como lésbica respondeu que tal situação (presumindo que a mulher transexual não fosse operada ainda) deve ser ideal para uma pessoa que se identifica como bissexual. Flávia interpreta esse depoimento como discriminação e comenta:

0357	Flávia	Entendeu? E a outra já tava julgando ela. “Ah para você seria bom, você é bissexual, teria um peitinho e teria um pênis, um falo”.
0358		Quer dizer, sabe, querendo julgar ela. “Para você tava bom”. Sabe, e aí é?
0359		Imagina, no meio aqui. Dentro do Grupo Arco-Íris, se tem esse preconceito
0360		imagina lá fora na rua.
0361		

Na fala reportada nas linhas 357 a 358, surge o preconceito de a pessoa que se identifica como bissexual precisar de homem e mulher (e uma eventual *deslegitimação* da performance identitária de gênero da mulher transexual, supondo que se identifica como mulher e não como “parte homem, parte mulher”). O fato de mencionar o desejo por um corpo com seios e pênis, mas não um corpo sem seios e com vagina, reforça a ideia da necessidade do falo da parte das mulheres que se identificam como bissexuais. Adicionalmente, são reforçados o binário homem/mulher e a definição da sexualidade baseada na anatomia do/a parceiro/a. O posicionamento discursivo de Flávia contra o depoimento da menina critica o preconceito de que “bissexual precisa de homem e mulher”, mas também ignora uma possibilidade da diversidade sexual – a

possibilidade que haja pessoas que preferem uma performance corporal transgênera.

Olímpia aproveita essa possibilidade para performances de gênero que não se encaixam no binário homem/mulher para construir outros rótulos de sexualidade e mostrar outras possíveis “preferências sexuais”. Ela também oferece uma possibilidade para desconstruir a noção da sexualidade definida pelo sexo/gênero do/a parceiro/a. Durante uma reunião dupla dos grupos Laços e Acasos e Entre Garotos, Olímpia constrói sua identidade de uma maneira que visibiliza outras formas da diversidade sexual e o poder subversivo da(s) bissexualidade(s). Durante a reunião, os/as participantes contaram suas histórias de quando saíram do armário e depois discutiram a pergunta “O que me faz ser gay, lésbica ou bissexual além das relações sexuais?”. No seguinte trecho, Adriana, uma transexual MTF³, responde à pergunta e Olímpia reage ao seu depoimento. A reunião não foi gravada, mas anotei o diálogo no meu diário de campo etnográfico na seguinte maneira:

Adriana	Não penso “sou heterossexual”, “sou homo”, “sou bi” (.) penso “sou MULHER”!
Olímpia	Não sou mais bissexual, sou trissexual. (.) Porque se uma gata me (atrai) ((se aproxima a Adriana, uma transexual MTF, flerte com a sua cara perto da cara dela)) não tenho problema!
Eu	E as hermafroditas? Deve ser quadrissexual.
Olímpia	AE::I:: sou quadrissexual, com hermafroditas tampouco tenho problema!

Anteriormente na reunião, Olímpia tinha construído sua identidade como bissexual; porém, depois de escutar a construção identitária de Adriana, realizou uma performance identitária que visibilizou outras formas da diversidade sexual e seu poder subversivo. Depois, durante a entrevista comigo, Olímpia narra sua própria versão desse momento e dessa construção identitária. A narrativa mínima é construída no contexto de falar de outros/as ativistas que têm medo de serem discriminados/as se mencionarem desejos, afetividades e comportamentos sexuais vistos como “não-homossexuais”:

0308	Olímpia	/.../ Uma vez eu brinquei no Arco-Íris eu falei foi quando a gente fez
0309		aquele trabalho juntos e eu olhei para a Adriana e falei “Ah agora sou
0310		trissexual” sei lá, se eu olhar para um transexual, falo “Nossa! Ela é linda
0311		ele é lindo” que que é que vai me impedir de transar com uma mulher de
0312		pênis ou um homem de vagina, sabe?

³ MTF: “male to female” ou “macho a fêmea”, ou seja, um biohomem (homem biológico) que se transformou ou se está transformando em mulher através de performances de gênero, estilizações do corpo, tratamentos hormonais, cirurgias, etc.

Ao falar da possibilidade de se relacionar com pessoas que se identificam como transgêneros/as, transexuais, travestis, intersexuais, etc., Olímpia vai além do binário homem biológico/mulher biológica, mostrando que o desejo sexual e a afetividade não se limitam a essas categorias e, portanto, que as definições atuais das sexualidades são inadequadas. Tais discursos sobre a gama de possibilidades além do binário heterossexual/homossexual podem ser desenvolvidos e focalizados em grupos de discussão, oficinas, cursos, etc. dentro do Grupo Arco-Íris, para qualificar os/as ativistas sobre questões da diversidade sexual e evitar a criação de categorias rígidas e identidades coletivas excludentes.

6.3 Assumir-se como bissexual no âmbito LGBT

Além das discriminações no movimento LGBT que resultam dos preconceitos e estereótipos analisados nas subseções anteriores, durante suas entrevistas, as três agentes levantaram a questão de um padrão-duplo de tolerância: os/as ativistas que se identificam como bissexuais são tolerados/as no movimento LGBT quando expressam desejos ou afetividades interpretados como “homossexuais” ou têm uma relação vista como “homossexual”, mas não quando falam de desejos ou afetividades “heterossexuais” ou de ter uma relação “heterossexual”. Digo que os/as ativistas que se identificam como bissexuais e têm relações vistas como “homossexuais” são tolerados/as, em vez de aceitos/as, porque continuam a serem vistos/as como pessoas suspeitas e desconfiáveis por “não nega[rem] o desejo pelo outro sexo ou mesmo a possibilidade de transpor esse desejo para o plano da prática” (Facchini 2009: 319).

Nádia classifica este padrão duplo como “o maior preconceito da comunidade [...] [c]om a bissexualidade” (linha 984). Ela situa as pessoas que se identificam como bissexuais como constitutivas do grupo mais ameaçado dentro do movimento LGBT, vulneráveis a serem expulsas facilmente (“você não tá tão <adentro assim>. Eu me sinto meio que assim a mais ameaça::da, né? Porque “É bissexual?” PA! [...] >manda pa fora<. [...] É mais fácil de dar fo:ra do movimento”, linhas 900 a 903). Por causa desse preconceito e dessa vulnerabilidade, muitos/as ativistas que se identificam como bissexuais evitam se rotular como tal no movimento LGBT. Os/as que se assumem como bissexuais frequentemente devem lidar com preconceitos e discriminações relacionados à bissexualidade. Nesta seção, vamos ver primeiro como as agentes constroem o

padrão duplo de tolerância e experiências de discriminações a ele relacionadas. Segundo, vamos analisar a estratégia empregada por uma das agentes para lidar com os efeitos desse padrão duplo.

6.3.1 Bissexual só é tolerado/a se tiver uma relação “homossexual”

Ao falar comigo sobre os problemas de discriminação dentro do movimento LGBT, Olímpia comenta que é “como se fosse um absurdo você transar com alguém do sexo oposto, porque aí você está entrando na heteronormativização” (linhas 213 a 215). A seguir, fala de ter feito um curso com o Grupo Arco-Íris e conta uma narrativa mínima sobre uma vez que experimentou discriminação vinculada ao padrão-duplo de tolerância.

0221	Olímpia	No final, eu fiz o curso do Arco-Íris o ano passado. No final do ano-
0222	Eli	Qual curso foi? Um curso de...
0224	Olímpia	Foi () durante um ano, e teve várias oficinas, e aí a gente viajou no
0225		começo dela. E aí acabou, a gente (continuou indo ao) Arco-Íris e nanana,
0226		e eu voltei com o ex-namorado meu de muito tempo.
0227		E começaram a “Ai, você não pode ficar com esse cara, tá virando hétero”
0228		e eu “tó namorando ele, tenho que falar dele, não posso falar, sei lá,
0229		da Elizabeth. Vou falar de quem?” Sabe? E aí “Ai que nojo, fica falando de
0230		cara de homem o tempo todo” não sei o que. Hh. Era brincadeira, sabe?
0231	Mas brincadeira que a gente sabe que é:: é real.	
0232	Eli	E se você “Ah, não, estou saindo com a:: a Julia”,
0233		é “A::h, me fale da Julia” não sei
0234	Olímpia	Pois isso é. É estranho. As pessoas ficam... ficam do lado contrário sabe?
0235		Não oprimem tanto mas, ficam... (cutucando) “Ah uhu ah uhu ah”
0236		Coisas estranhas. Eu acho mais estranho do que sei lá,
0237		que qualquer outra coisa. (2.0)

Depois de co-construir comigo uma série de orientações sobre o curso (linhas 221 a 225), Olímpia oferece o resumo “eu voltei com o ex-namorado meu de muito tempo” (linha 227). A seguir, desenvolve a ação complicadora – que as outras ativistas que se identificavam como lésbicas não gostavam quando Olímpia falava do namorado – através de reportar o diálogo com elas (linhas 227 a 230). Ao dizer “Era brincadeira, sabe? Mas brincadeira que a gente sabe que é:: é real” (linhas 230 a 231), faz uma avaliação da maneira na qual as outras ativistas se posicionam em relação à bissexualidade: embora possa parecer brincadeira, sua fala é um efeito dos preconceitos e deve ser levada a sério. A seguir, co-construímos⁴ a ideia do padrão-duplo ao sugerir que se Olímpia tivesse falado de uma namorada, as outras ativistas teriam a encorajado a contar mais.

⁴ Cada interação, na verdade, é uma co-construção porque cada elocução é sempre dita para um/a ouvinte. Porém, digo “co-construção” explicitamente aqui para frisar o fato da troca de turnos que realizamos para construir a ideia.

Ao final, avalia a situação em geral observando: “Não oprimem tanto mas, ficam... [...] “ah uhu ah uhu ah” (linha 235), ou seja, as discriminações não são sempre muito diretas, mas acontecem. Mengel descreve esse fenômeno dizendo que para uma pessoa que se identifica como bissexual ser tolerada no movimento LGBT e permitida de pertencer ao grupo, “deve mostrar somente uma declaração de princípio unilateral”, ou seja, deve mostrar só comportamentos, desejos e afetividades vistos como “homossexuais” (2009: 57). No próximo trecho, Nádia lida com essa visão dividida da bissexualidade como uma combinação de comportamentos, etc. “heterossexuais” e “homossexuais” separáveis.

Nádia não conta uma narrativa canônica sobre experiências de discriminação dentro do movimento por se envolver com um homem, mas desenvolve uma descrição de uma situação hipotética que, segundo ela, aconteceria se tivesse tal relação. Esta parte da entrevista pode ser vista como uma narrativa não-canônica hipotética baseada nas suas experiências de vida.

0974	Nádia	>o dia que ficar ((com homem)) também< não quero ser julga::da sabe.
0975		E assim, >eu <u>sempre</u> sei que isso vai acontecer<.
0976		Eventualmente, eu e a Alicia termina::ndo, ou sair com as pessoas da <u>qui</u> ,
0977		pessoas relacionadas ao GAI::: >“Olha aquela ali ficando com< ca::ra”.
0978		Isso vai gerar histó::ria, vai virar (.) pia::da.
0979	Eli	Sim [()]
0980	Nádia	[Vai ()]
0981	Eli	Você é bissexual saindo com mulher, tudo bom.
0982		Você [é bissexual-]
0983	Nádia	[Você tá saindo] com ho::mem. Eh: (.) acho que esse (.)
0984		>é o maior preconceito da comunida:de<, né? Com a bissexualidade.
0985		porque ela tem essa dualida::de, que eh: como se você tivesse
0986		uma hora com o pé aqui de::ntro e uma hora com o pé lá fo:ra. Sabe?
0987		Não conseguem entender que (.) tem uma junção.
0988		=E se é para ser <assim>, que se:ja,
0989		então vamos fazer o movimento <u>da bissexualida::de</u> . Sa::be?

Nas linhas 976 a 978, Nádia descreve uma situação hipotética baseada nas suas experiências de vida que é parecida às experiências passadas de Olímpia: comentários negativos sobre a relação com o homem (linha 977, também mencionados na forma de fala reportada como no caso de Olímpia), e a co-construção⁵ do padrão duplo de tolerar relações com mulheres, mas não com homens. Ao dizer que esse preconceito sobre a bissexualidade vem da percebida “dualida::de” (linha 985) da bissexualidade – “como se você tivesse uma hora com o pé aqui de::ntro e uma hora com o pé lá fo:ra” (linhas 985 a 986), ou seja, uma “parte homossexual” dentro do movimento e uma “parte heterossexual” fora

⁵ Ver nota de rodapé anterior.

do movimento, no depoimento de Nádia o problema do preconceito é vinculado à visão da bissexualidade como algo composto de “componentes homossexuais” e “componentes heterossexuais” separados. Podemos dizer que quando o/a ativista que se identifica como bissexual é tolerado/a porque tem uma relação vista como “homossexual”, é empregada a tática de *adequação* para frisar as semelhanças entre as ativistas que se identificam como bissexuais e as que se identificam como lésbicas; porém, quando a relação é vista como “heterossexual”, é empregada a tática de *distinção*, frisando as diferenças entre os objetos do desejo. Por que a bissexualidade e homossexualidade não são sempre aproximadas através da *adequação*? A meu ver, essa separação acontece porque a bissexualidade não é reconhecida como uma performance identitária em si, mas como performances identitárias que transitam entre heterossexualidade e homossexualidade em certos momentos. Nádia critica esta visão dos/as outros/as ativistas, dizendo “Não conseguem entender que (.) tem uma junção” (linha 987). Embora o uso da palavra “junção” sugira uma definição da bissexualidade como uma “combinação de heterossexualidade e homossexualidade”, abre a oportunidade de ver que uma pessoa que se identifica como bissexual não para de performar esta identidade só porque se relaciona com alguém que performa um certo gênero. Na próxima subseção, vamos examinar a estratégia desenvolvida por Nádia para lidar com os problemas do padrão duplo de tolerância: insistir em se assumir e se rotular como bissexual.

6.3.2 Lidando com preconceitos e a homossexualidade presumida

Embora pareça mais fácil e talvez desnecessário se assumir em um âmbito LGBT, como vimos anteriormente, nesses contextos as pessoas que se identificam como bissexuais passam da heterossexualidade presumida da matriz heteronormativa a uma situação de homossexualidade presumida (ver seção 4.3.3). Com isso, podem escolher sair do armário ou ficar nele (neste contexto, passando por pessoas que se identificam como homossexuais em vez de como heterossexuais) através das suas performances identitárias. O conceito de *desidentificação* (Muñoz 1999) é útil para entender o fato de ficar no armário como uma estratégia:

Intende-se que *desidentificação* descreva as estratégias de sobrevivência que o sujeito minoritário pratica para negociar uma esfera pública majoritária fóbica que continuamente suprime ou pune a existência de sujeitos que não conformam com o fantasma da cidadania normativa. (Muñoz 1999: 4)

Embora as pessoas que se identificam como bissexuais no movimento LGBT constituam um grupo minoritário⁶ dentro de um grupo minoritário, em vez de um grupo minoritário dentro da esfera pública majoritária, a mesma lógica funciona. Ficar no armário nos contextos LGBT através de *passing*⁷ como homossexuais pode ser visto como uma estratégia de *desidentificação* que permite aos/as ativistas “sobreviver” e evitar discriminações por não se conformarem com a homonormatividade.

Contudo, ao não usar a estratégia de *desidentificação* e sair do armário dentro do movimento LGBT e se rotular “bissexual”, os/as ativistas frequentemente têm que lidar com preconceitos e discriminações relacionados à bissexualidade. Porém, para Nádia, assumir-se neste contexto também pode funcionar para *prevenir* discriminações. No próximo trecho, uma pequena parte da qual vimos na seção 5.2.1 com relação a posicionar-se ou não como “sujeito tácito” (Decena 2011), a ativista fala de se assumir como bissexual em um seminário em São Paulo:

0533	Nádia	Ma:s é aquilo, quando você vai: até mesmo São Paulo, no seminá::rio,
0534		tinha muitas lé:sbicas, que era todo o movimento femini::sta, e aí quando
0535		você chega e fala, que é assim, a priori vão pensar que você é lésbica,
0536	Eli	Sim
0537	Nádia	porque você tem uma relação com uma mulher,
0538		a bolsinha do Laços e Acasos com as bonequinhas ju::ntas... brincadei::ra
0539		“Ah quero beijar na bo::ca” não sei o que dadaada “OK, ela é lésbica”.
0540		E aí no meio do gru::po, <chego e falo>.
0541		Não vou me deixar pa- passar por uma coisa que eu não sou.
0542		>Até porque não quero que< lá na fre::nte,
0543		caso me envolver com homem, ser cobra::da,
0544	Eli	Mm
0545	Nádia	que atrás “Ah porque você falou que você era LÉSBica,
0546		que lésbica é E::ssa. Que militância é E::ssa?!”
0547		>E ainda faço questão de deixar bem cla::ro qual é a minha orientação<,
0548		“Eu sou bissexual”, sabe? Eu posso brincar aqui que eu sou lésbica,
0549		brincar com os meninos “Eu esTOU lésbica”, entendeu?
0550		mas eu SOU <bissexual>, de fa:to, entendeu? N- eu gosto de deixar isso
0551		cla:ro para não (.) no futuro não ser questionada, né?
0552	Eli	Sim
0553	Nádia	A minha credibilidade, a minha pala::vra, né?

⁶ Uso “grupo minoritário” aqui para refletir a terminologia usada por Muñoz. Não entendo essa terminologia em termos estatísticos, mas no sentido deleuziano de um índice revolucionário.

⁷ Ver seção 4.2.3, nota de rodapé 29: *passing*, quando uma pessoa que se identifica como, ou é considerada por outras pessoas como, membro de certa categoria de sexo, gênero, orientação sexual, etnia, classe social, etc. e faz uma *performance* discursiva e/ou física para ser vista como membro de outra categoria (ver Tyler 1997).

0554		[Essa questão-]
0555	Eli	[É importante] também para a visibilidade, né?
0556	Nádia	Exatamente. E aí as pessoas ficam meio assim, “Nossa.” <Afa:sta>, né?
0557		Afa:sta que eu sou bissexual, >“vai sair e ela querer ficar com ca:ra então
0558		não vamos sair com e::la não vamos levar” e não sei o que<. É.
0559		Mas é assim, todo isso na conversa a gente vai desconstruindo, né?
0560	Eli	Sim
0561	Nádia	Graças a Deus. E aí é é muito isso, nesses coleti:vos em que a gente espera
0562		(.) .h não sofrer discriminação, a gente está, né? entre <mulhe::res>,
0563		ou entre <lé::sbicas>, e você tá no espaço que você (julga) seu espaço, né?
0564		Que você te::m ali para se se (.) se coloca:r, se afirma:r...
0565		aí >você vê as pessoas torcendo o nari::z<, “ai, bissexual”,
0566		as pessoas não confiam mesmo, acho que a questão é essa,
0567		não confiam na bissexualidade. .h Sa:be?
0568		Aí eu não sei o que elas estão espera::ndo, né? hh
0569	Eli	hh
0570	Nádia	Para (.) <u>acreditarem</u> que é rea::! Sabe? Que n- n-
0571		que não rola <u>dúvida</u> nenhu:ma, sabe. É isso mesmo e <u>ponto</u> , sabe. hh

Ao início desse trecho, parece que Nádia vai contar uma narrativa genérica sobre uma experiência específica em São Paulo, começando com o resumo parcial e as orientações “até mesmo São Paulo, no seminá::rio, tinha muitas lé:sbicas, que era todo o movimento femini::sta, e aí quando você chega e fala, a priori vão pensar que você é lésbica” (linhas 533 a 535). Porém, interrompe a narrativa canônica, mudando os tempos verbais do passado para o presente na linha 535 e continuando no presente durante o resto do trecho. Dessa maneira, sua história vira uma narrativa não-canônica hipotética e cria a impressão de que a história podia ser sobre uma experiência específica ou sobre algo que geralmente acontece cada vez que Nádia vai a um seminário ou uma reunião LGBT e está com pessoas que não a conhecem. Nádia menciona a homossexualidade presumida nesses contextos: “a priori vão pensar que você é lésbica” (linha 535) e explica que isso acontece porque as outras ativistas veem que ela tem uma parceira, usa roupas e acessórios com símbolos ou gráficos de duas meninas juntas (associados à lesbianidade), brinca de querer beijar meninas, etc. (linhas 537 a 539). Está em operação aqui uma espécie de *autorização não-proposital* por causa da homossexualidade presumida que possibilita o *passing*: se presume que Nádia se identifica como lésbica e esta leitura é *autorizada* através dos comportamentos e a estilização corporal observados, dando-lhe a oportunidade de *passar* por lésbica embora ela não tenha tentado propositalmente construir uma performance identitária “não-genuína” (*desnaturalização*).

Porém, Nádia não se permite passar por lésbica; sai do armário explicitamente: “E aí no meio do gru::po, <chego e falo>. Não vou me deixar pa-

passar por uma coisa que eu não sou” (linhas 540 a 541) e “>E ainda faço questão de deixar bem claro qual é a minha orientação<” (linha 549). Frisa a sua agência, diminuindo a velocidade da fala em “<chego e falo>”, e explicando a intencionalidade da sua ação com “Não vou me deixar passar” e “faço questão de...”. Mostra também que sai do armário para um público grande, “no meio do grupo”, em vez de só para certas pessoas.

Através da justaposição dos verbos ser e estar na brincadeira ““Eu esTOU lésbica”” (linha 549) e a afirmação “eu SOU <bissexual>, de fato” (linha 550), a performance identitária bissexual é essencializada e construída como algo fixo e duradouro, um emprego da tática de *autenticação*. Embora pudesse evitar discriminações se deixando passar por lésbica, Nádia explica que insiste em não fazer isso por questões de credibilidade (linhas 551 e 553) – não quer ser vista como alguém desconfiável que intencionalmente tenha feito uma performance identitária “não-genuína” de lésbica (*desnaturalização*) se começar a sair com homem no futuro. Seu depoimento sugere que as mulheres que se identificam como bissexuais são vistas como não confiáveis porque são invisibilizadas, deixando-se passar por lésbicas, até começarem a sair com homens. Mengel explica esse fenômeno dizendo que “[O/a bissexual] é o agente duplo que infiltra e trai, o incerto através do qual chega a infelicidade” (2009: 47). Desta maneira, insinua que o problema do estereótipo da não confiabilidade das pessoas que se identificam como bissexuais pode ser combatido através da visibilidade e de evitar se deixarem passar por homossexuais.

É interessante notar que no âmbito familiar, Nádia escolhe ficar na posição de sujeito tácito (ver seção 5.1) – parcialmente dentro, parcialmente fora do armário – deixando seus pais interpretarem sua performance identitária como quiserem; porém, no âmbito LGBT, Nádia sai do armário explicitamente. Nos dois âmbitos, Nádia pode experimentar problemas de discriminações; porém, parece que sua prioridade é combater problemas de preconceitos dentro do movimento LGBT mais do que fora, no âmbito familiar. Talvez isso seja relacionado às suas expectativas – não é surpreendente que pais religiosos tenham preconceitos, mas a falta de aceitação dentro do movimento LGBT a surpreende:

0561	Nádia	/.../ nesses coleti:vos em que a gente espera
0562		(.) .h não sofrer discriminação, a gente está, né? entre <mulhe::res>,
0563		ou entre <lé::sbicas>, e você tá no espaço que você (julga) seu espaço, né?
0564		Que você te::m ali para se se (.) se coloca:r, se afirma:r...
0565		ai >você vê as pessoas torcendo o nari::z<, “ai, bissexual”

Enfatizando as palavras “<mulhe::res>” (linha 562) e “<lé::sbicas>” (linha 563) com diminuições de velocidade, alongamentos e aumentos de volume ao falar de “coletivos” e “espaços” feministas e/ou LGBT, Nádia acrescenta as semelhanças entre ativistas que se identificam como mulheres bissexuais e as outras ativistas. Esse emprego da tática de *adequação* mostra que Nádia tem a expectativa de solidariedade por causa dessas semelhanças. Mais tarde, se pergunta:

1034	Nádia	quem vai quem vai se juntar à gente na luta pela nossa causa? Sabe?
1035		Eu luto >pelos gays pelas travestis pelas lésbicas< (.) sabe?
1036		<Quem vai se juntar?>
1037	Eli	É.
1038	Nádia	à gente. /.../

Nesse depoimento, Nádia aumenta a velocidade da fala para dizer a lista de causas que apoia (linha 1035), enfatizando sua solidariedade, pois diminui a velocidade para insistir “<Quem vai se juntar?> [...] à gente” (linhas 1036 e 1038), chamando a atenção à hipocrisia dentro do ativismo LGBT: os/as ativistas que se identificam como bissexuais apoiam todas as causas das “outras letras”, mas poucas outras pessoas apoiam a causa dos/as ativistas que se identificam como bissexuais. Desta maneira, é criada uma oposição entre “nós, bissexuais solidários/as” e “os/as outros/as, não solidários/as” (*distinção*).

6.4 Considerações finais: as implicações das construções identitárias na fala sobre preconceitos e discriminações

Os preconceitos mencionados com mais frequência nas entrevistas com as agentes entram em duas categorias principais: (1) o apagamento da bissexualidade e (2) a super-sexualização das pessoas que se identificam como bissexuais. Os preconceitos relacionados à primeira categoria incluem a negação completa da existência da bissexualidade, a insistência em classificar os indivíduos ou como heterossexuais ou como homossexuais e a ideia que a bissexualidade é somente uma fase transitória. Os preconceitos relacionados à segunda categoria incluem a suposta necessidade de relações poliamorosas com homens e mulheres para a satisfação sexual, a promiscuidade, a infidelidade

inevitável e a necessidade do falo da parte das mulheres que se identificam como bissexuais.

As agentes geralmente lidam com essas *deslegitimações* das performances identitárias bissexuais através de depoimentos de *autenticação* e *autorização*. Para lidar com os preconceitos da primeira categoria, insistem sobre experiências afetivo-sexuais com “ambos os sexos” e constroem a durabilidade e estabilidade das suas performances identitárias. Essas construções também foram frequentes nas histórias de sair do armário que vimos no capítulo anterior. Para combater os preconceitos da segunda categoria, as agentes tendem a construir performances identitárias de mulheres bissexuais monógamas ou seletivas que não precisam se relacionar sempre com homens e mulheres.

Embora funcionem para legitimar as performances identitárias bissexuais, esses depoimentos têm o efeito secundário de reforçar certos discursos heteronormativos (o binário homem/mulher) e essencialistas (a fixidez das identidades), e de ignorar e excluir outras possibilidades da diversidade sexual (a possibilidade de pessoas que se identificam como bissexuais que de fato preferem se relacionar sempre com homens e mulheres, ou que preferem performances transexuais, etc.). Portanto, será necessário discutir *por que* as agentes usam tais estratégias para defender suas performances identitárias bissexuais, desconstruir o binário homem/mulher e a noção da estabilidade identitária, e falar da diversidade sexual infinita nas reuniões do Grupo Arco-Íris. Se, por exemplo, os/as ativistas entenderem que a(s) sexualidade(s) não são fixas e pre-estabelecidas, não será tão necessário insistir na durabilidade das performances identitárias bissexuais para defender essas performances.

As agentes também propuseram maneiras para lidar com os preconceitos e as discriminações que não reforçam binários e discursos essencializantes e que não excluem as possibilidades da diversidade sexual. Olímpia mostra um fenômeno útil que poderá ser levantado nas discussões no Grupo Arco-Íris: o padrão duplo de as pessoas que se identificam como heterossexuais ou homossexuais serem aceitas automaticamente como tal, mas as pessoas que fazem performances identitárias bissexuais terem que “provar sua bissexualidade” para serem aceitas. Através desse depoimento de *adequação*, ela consegue defender as performances identitárias bissexuais sem reforçar discursos normativo-essencialistas. Adicionalmente, as agentes desconstruíram a

associação ideológica homem-falo e Olímpia construiu as categorias de “trisssexual” e “quadrissexual”, mostrando que a palavra “bissexual” se concentra sobre o binário homem/mulher e não contempla o desejo e a afetividade para outras performances (trans)gêneras (transexual, intersex, etc.). Essa variedade de questões pode ser levantada nas discussões do Grupo Arco-Íris para desconstruir as categorias da sexualidade, insistir na diversidade infinita de sexualidades e formas de prazer e promover a aceitação da bissexualidade e da diversidade sexual em geral.

Finalmente, vimos que os/as ativistas que se identificam como bissexuais frequentemente se deixam *passar* por homossexuais nos âmbitos LGBT para evitar problemas de discriminação ligados a um padrão duplo de tolerância: são tolerados/as quando têm relações ou expressam desejos e/ou afetividades vistos como “homossexuais” (*adequação*), mas não são tolerados/as quando têm relações ou expressam desejos e/ou afetividades considerados “heterossexuais” (*distinção*). Nádia sugere que este *passing* (re)produz a visão da não-confiabilidade dos indivíduos que se identificam como bissexuais, e propõe a estratégia de assumir-se publicamente como bissexual no movimento LGBT para combater esse preconceito. Outro possível efeito dessa estratégia de assumir-se é o aumento da visibilidade bissexual; será mais difícil ignorar a participação das pessoas que se identificam como bissexuais e suas preocupações e necessidades. Porém, é importante lembrar que “o ‘sair do armário’ tem suas vantagens e desvantagens, mas em ambos os casos, a convocação de assumir-se pressupõe que tal ação seja transformativa em si mesma e que a identidade que se declara publicamente seja sem ambiguidade” (Sullivan 2003: 31). A advertência de Sullivan sobre o sair do armário é particularmente relevante no caso de se declarar bissexual. Primeiro, por causa da invisibilidade das pessoas que se identificam como bissexuais no movimento LGBT e todos os preconceitos ligados à “não-compreensão” das bissexualidades, o rótulo “bissexual” é particularmente ambíguo. Segundo, a ação de sair do armário como bissexual não é necessariamente transformativa, nem para a pessoa que se assume, nem para a posição invisibilizada e marginalizada das performances identitárias bissexuais no movimento LGBT. Embora frases como “Sou bissexual” ou “Me identifico como bissexual” funcionem performativamente para categorizar o/a falante e também (re)estabelecer a própria categoria, para ser transformativas devem ter “a

‘autoridade’ necessária para realmente efetuar mudanças através de expressar uma identidade” (Barrett 2002: 34). Simplesmente se declarar bissexual publicamente pode ajudar com a visibilidade quantitativa das performances identitárias bissexuais no movimento LGBT. Porém, como as performances identitárias bissexuais frequentemente não são vistas como legítimas dentro do movimento LGBT, não terão necessariamente a autoridade, como disse Barrett, para transformar sua posição marginalizada dentro do movimento como quer Nádia. Destarte, a estratégia de assumir-se publicamente como bissexual em toda interação nos âmbitos LGBT deve ser acompanhada por discussões sobre a(s) bissexualidade(s), as várias implicações de “assumir-se”, os vários modos nos quais essa ação pode ser interpretada, e, sobretudo, discussões sobre a diversidade sexual em geral para não fomentar aceitação para quem escolhe se rotular como bissexual às custas de marginalizar outras performances.